

## **Reflexões sobre a globalização como processo excludente Globalization considerations as na excludent process**

\* Paulo Moreira da Costa

### **Resumo**

Este artigo chama a atenção para uma reflexão em torno do processo de globalização que, apesar de, ser visto por muitos dos seus defensores como um mercado sem fronteiras. Na realidade este processo exclui pessoas e países, que não se ajustarem às exigências das nações mais desenvolvidos e às novas tendências do capital que com a ajuda da tecnologia da informação circula no planeta em velocidade global.

### **Abstract**

This paper calls attention towards the globalization process that although being seen by many of its sponsors as an open market in fact this process excludes people and countries, that do not adapt themselves to the demands of the more develop countries and the new tendencies of the capital. which with the help of information technology circulates in the planet at global speed.

### **Palavras chave**

Globalização – capital – processo – países

### **Key words**

Globalization – capital – process – countries

### **I - Introdução**

No Brasil temos o hábito de copiar tudo o que vem do estrangeiro sem primeiro fazermos uma reflexão e uma análise crítica do que é bom para o país e o que não tem utilidade. O brasileiro tem alma de cachorro de batalhão, aparece uma palavra nova e sai todo mundo atrás. A frase, de Nelson Rodrigues, descreve exatamente o que aconteceu com a globalização. O Assunto virou uma mania nacional. A atitude varia do encantamento ao pânico, do fascínio à repulsa. Mas há um quase consenso de que se trata de debate altamente prioritário. Ao abordarmos a questão da globalização, é preciso que se examine com isenção, sem a tônica do discurso clássico acadêmico e sem a radicalização da esquerda jurássica, quais os verdadeiros benefícios que a globalização traz para o país? será que como nação devemos nos globalizar para seguirmos a onda do momento? Ou será que

ser globalizado é a mesma coisa que ser submisso aos países mais desenvolvidos? Até agora o país tem participado da globalização de forma mais submissa do que ativa.

A globalização vista como um mercado sem fronteiras, pode representar uma excelente oportunidade de negócios, principalmente para os países periféricos. Entretanto, deve haver por parte dos países interessados em participar desse mercado uma definição muito clara do que realmente eles pretendem negociar com os países mais desenvolvidos. O que temos presenciado é uma competição desigual, onde os países ricos exigem uma abertura maior de mercado para venderem seus produtos aos países menos desenvolvidos, mas quando a é no sentido inverso, isto não ocorre. Tomemos como exemplo as exigências do mercado americano para compra do aço brasileiro. É verdade que as vendas efetivam-se, mas com altas taxas e acusações de dumping por parte dos americanos aos negociadores brasileiros, o que em muitas ocasiões inviabiliza o negócio e não gera dividendos na balança comercial.

## II - Não existe novidade na globalização

Para entendermos que a globalização não é um fenômeno novo é necessário nos remetermos aos textos de Marx, quando ele afirmava que *ao mesmo tempo em que o capital tende, por um lado, necessariamente a destruir todas as barreiras especiais opostas ao tráfego, isto é ao intercâmbio, e a conquistar a terra inteira como um mercado, ele tende, por outro lado, a anular o espaço por meio do tempo, isto é, reduzir a um mínimo o tempo tomado pelo movimento de um lugar para o outro.*

A globalização é um processo sem solução de continuidade já há mais de cinquenta anos. É fácil comprovar isso observando o crescimento contínuo do valor das trocas internacionais e dos investimentos diretos estrangeiros. A globalização não é uma novidade se verificarmos que o processo global da economia é muito antigo. Todas as navegações, no século XV e XVI, por exemplo, já foram compreendidas justamente em busca de caminhos para essa integração. O que há de novo e radical neste novo século é a qualidade e a velocidade desse processo, que passou a ser operado em tempo real, em função das novas tecnologias da informação.

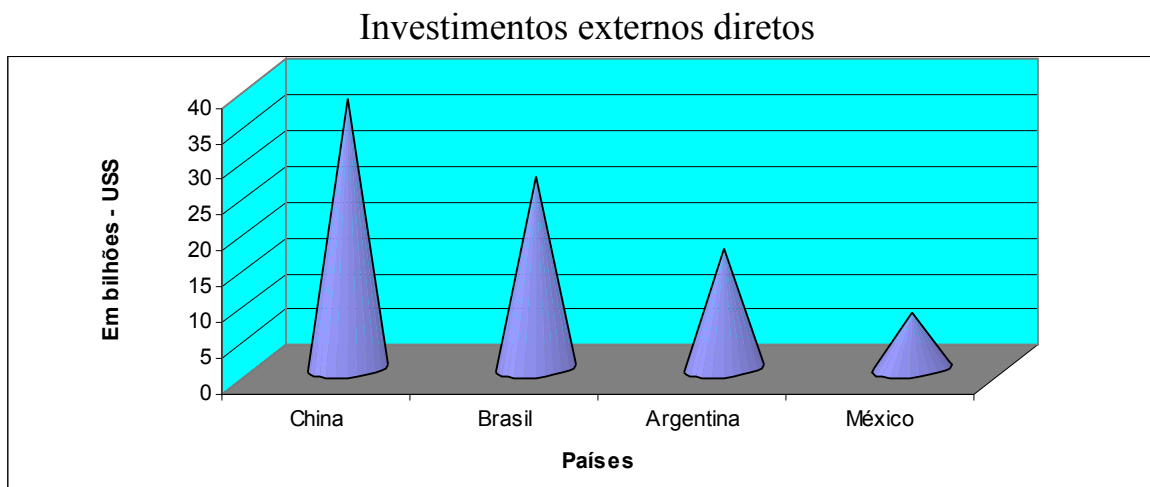


Figura 1. Fonte: UNCTAD/ONU – os dados da China são de março de 2000 e os demais países de outubro.

No que se refere aos investimentos dos países mais ricos nos menos desenvolvidos, a liberação de recursos não tem a mesma velocidade global, sendo, em alguns casos, acompanhada de uma maior desigualdade, principalmente nos países latino-americanos incluindo o Brasil. Já em países como a China que atualmente, é o maior receptor de investimentos estrangeiros diretos (conforme demonstrado no gráfico I). A globalização para a China, tem sido fundamental, visto que aumentou as exportações mais de dez vezes ao longo dos últimos anos. Evidentemente, trata-se de fatores que ajudaram a reduzir a parcela pobre de sua população, pobre aqui entendida por insuficiência de renda, de um terço para um décimo, com melhorias nos níveis de saúde e educação. Em contrapartida, o país é um grande violador dos direitos humanos, tendência que recebe “duros ataques” do seu maior aliado os EUA. Talvez a única novidade no processo de globalização seja o aniquilamento do socialismo que deixou livre o capital para provocar todo tipo de selvageria contra aqueles que são seus dependentes.

### III – A Globalização exclui pessoas, países e empresas

Ao analisarmos a globalização do ponto de vista do mercado de trabalho, é importante observar que ela não trás para nenhum país benefícios uniformes, ao contrário poderá (sem avisar) provocar ganhos ou perdas. Na realidade o que ela propaga é a redução de custos dos processos produtivos, investimentos em tecnologia e mão-de-obra qualificada. Por sua vez a mão-de-obra menos qualificada é rejeitada. Essa rejeição ocorre porque o trabalhador sem qualificação não se reciclou para utilizar as ferramentas nos processos produtivos.

Segundo (Dupas, 1999) a economia global, apesar de toda a sua suavidade, está agravando a exclusão social. O seu contínuo avanço não parece garantir que as sociedades futuras possam gerar unicamente por mecanismos de mercado novos postos de trabalho, mesmo que flexíveis, compatíveis em qualidade e renda com as necessidades mínimas dos cidadãos. O mundo tem aprendido que a economia global apresenta risco muito maior do que todos poderíamos imaginar. A questão é que a lógica da globalização e o fracionamento das cadeias produtivas, muito oportuno para a pujança do capitalismo contemporâneo, incorporam os bolsões de trabalho barato mundiais, sem necessariamente elevar-lhes a renda. Os postos formais crescem menos que os investimentos diretos, e se surgem oportunidades bem-remuneradas no trabalho flexível, o setor informal acumula o trabalho precário e a miséria.

Já (Castells, 1999) afirma que havendo uma economia global, também deveria existir um mercado de trabalho e uma força de trabalho global. Entretanto, como acontece com muitas declarações óbvias, considerada em sentido literal, essa é empiricamente incorreta e analiticamente enganosa. Embora o capital flua com liberdade nos circuitos eletrônicos das redes financeiras globais, o trabalho ainda é muito delimitado (e continuará sendo no futuro) por instituições, culturais, fronteiras, política e neofobia.

A globalização do ponto de vista de (Dejours, 1999) provoca medo no trabalhador, um medo de que a economia exacerbou e que hoje é um nervo exposto, tanto nos países de

primeiro mundo (onde a tecnologia engole vagas de trabalho), quanto nos países emergentes, que caíram no conto do neoliberalismo. O cidadão do mundo ficou a mercê de pregões, bolsas e índices financeiros que não geram emprego e que não dão estabilidade de espécie alguma. O empregado de hoje é refém do neoliberalismo e de todas as suas mazelas. Sendo assim, a globalização gera exclusão a partir do momento em que reduz o número de emprego formal. Já na questão dos países e das empresas a exclusão dar-se-á através da centralização do capital que a cada vez mais controla os principais setores da economia por meio de um pequeno grupo de empresas que cada dia fica mais poderoso, os processos ocorrem através de reinvestimentos das próprias empresas nos setores que atuam, ou através de fusões e incorporações de outras que sucumbem à concorrência, quer sejam pelas leis de mercado, quer pela sua ineficiência. A situação das empresas brasileiras, principalmente a pequena, é de desespero, visto que é praticamente impossível concorrer com produtos importados de primeiro mundo. Entretanto, quando os grupos de empresas “estrangeiras globalizadas” compram nossa matéria prima para transformá-la em produto de qualidade, pagam preços irrisórios.

A globalização é prejudicial para quase todos os países do planeta, mas seus efeitos são mais visíveis nos países menos desenvolvidos porque, via de regra, os países mais desenvolvidos exercem domínio sobre os países periféricos quer seja domínio sobre o capital ou inovações tecnológicas. Essa dominação determina as variáveis econômicas e aprofunda as desigualdades sociais nesses países. As inovações tecnológicas e a abertura econômica promovida pelos países nos últimos anos aumentaram a diferença entre a ação política e as reais necessidades de grande parte da população.

#### **IV – Conclusão**

A globalização deveria ser qualquer parte do planeta um instrumento de oportunidades profissionais e sociais, mas infelizmente que temos assistido é a globalização de grande parte da pobreza humana. As oportunidades deveriam vir através dos mercados, mas o que se observa é o mercado dominado pelos países com maior volume de capital e com isso as oportunidades e recompensas tanto para os países periféricos como para os seus habitantes torna-se desigual e não equitativa, concentrando-se poder e riqueza num seleto grupo de pessoas, empresas e países. Com isso não quero afirmar que a globalização aumenta o abismo entre pobres e ricos, isso é um assunto questionável, mas a globalização deveria ser de cidadania, igualdade social e justiça para todos os habitantes do planeta. Depois dos violentos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono, obra do fanatismo religioso irresponsável só veio demonstrar que os fortes são mais frágeis do que os fracos.

Não quero cometer o erro de afirmar com isso que o 11 de setembro seja fruto do desespero dos mais fracos, isso é utopia, mas a globalização como processo excludente, deve ser repensada neste momento de grandes turbulências sociais. O ideal seria que todos os líderes dos países do primeiro mundo, segundo mundo, terceiro mundo seja lá qual for a classificação, fizessem uma reflexão em torno da globalização e indagassem o que existe de errada nela? A intolerância, o ódio, o poder (nas mãos perversas) o preconceito e a ganância (principalmente dos neoliberais) impedirão sempre os povos de construir uma nova comunidade mundial mais humana.

## Referências Bibliográfica

- BATISTA JR. Paulo Nogueira. *Globalização em questão*, Petrópolis, RJ, 1998
- DEJOURS, C. *A banalização da injustiça social*, Rio de Janeiro, FGV, 1999
- DANIELS, J. L. *Global vision building new models for the corporation of the future*, New York, McGraw-Hill, inc 1993
- DUPAS, Gilberto. *Economia Global e exclusão social, pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo*, São Paulo, Paz e Terra, 1999
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*, São Paulo, Paz e Terra, 1999
- CHOSSUDOVSKI, M. *A globalização da pobreza*, São Paulo, 1999
- GENTIL, Pablo. *Globalização excludente*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1999
- SANTOS, Nilton. *A nova globalização*, São Paulo, Ática, 1999